
COMUNICAÇÃO

BRASIL, UTOPIA DO DIÁLOGO ¹

Questões de História da Cultura à luz de uma Cosmologia Setecentista

Plínio Freire Gomes

Mestrando em História pela USP

"Não he possível que as scripturas se aprendam de repente e sem preparos (...) a saber: o ser açoutado, apedrejado, infirmado, incarcerated e o ser levado ao Paraíso; porque sem ver a este, e ouvir nelle os arcanos do Ceo, dos climas, das arvores, dos frutos (...) se não pode saber a Scriptura."

Pedro de Rates Henequim (1680-1744), colono porutuês nas Minas Gerais condenado pela inquisição como herege e apóstata.

Minha pesquisa nasceu das indicações contidas em três parágrafos do "Prefácio" à *Visão do Paraíso*. Trata-se da passagem onde Sérgio Buarque de Holanda faz um rápido comentário sobre o processo de declínio do imaginário geográfico cujos contornos são delineados no restante da obra. Esse organismo que resultou do entrelaçamento de lendas relacionadas aos tesouros do Oriente, às Ilhas afortunadas da Antiguidade clássica e ao Paraíso bíblico começaria a perder seu vigor durante os anos que se seguiram à conquista da América. Era como se o principal horizonte utópico dos peregrinos medievais e também dos descobridores renascentistas não resistisse à dura realidade da colonização².

Mesmo assim, o sonho de localizar o cenário onde Adão e Eva viveram antes da Queda continuaria ativo na pena de vários cronistas. Sérgio Buarque lembra que, em meados do século XVII, o espanhol Antonio León Pinelo escreveu um longo tratado para provar a tese segundo a qual os Jardins do Éden estariam situados na região amazônica. O simples fato de o continente sul-americano possuir a forma aproximada de um dos principais símbolos do cristianismo - o coração - já servia, no entender de Pinelo, para cercá-lo em mistério e sacralidade. Seu

¹ Parte desta comunicação foi apresentada na abertura dos Seminários de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da Universidade de São Paulo, ocorrida no dia 25 de agosto de 1993. Muitas das sugestões dadas pelos colegas e também pelas professoras Mary Del Priore e Janice Theodoro da Silva foram incorporadas na presente versão; a todos, quero expressar meus agradecimentos.

² Sérgio Buarque de Holanda. *Visão do Paraíso*. 4a ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, pp. XXIII-XXIV.

contemporâneo Simão de Vasconcelos concluiu que, dada a dificuldade dos autores antigos em assinalar a posição do delicioso horto, este só poderia estar escondido nas ainda pouco conhecidas terras do Novo Mundo³.

Com o alvorecer do século XVIII, as pistas sobre as quimeras edênicas se tornaram cada vez mais escassas. Submetido às injunções da exploração mercantilista, o verdejante Paraíso que encantou os descobridores continuava a revelar sua face infernal. Nas violências do eito, no confronto de culturas antagônicas e nos desmandos da população branca, o europeu podia entrever a imagem caótica de um mundo virado de ponta-cabeça. Enquanto isso, as Luzes irradiadas a partir de autores franceses e ingleses começavam a exigir a substituição da fantasia pela objetividade cética do experimentalismo.

Em meio às rudezas desse solo tão impróprio ao surgimento do maravilhoso, Sérgio Buarque detecta a existência de um ex-colono português que não se deixou abater. Chamava-se Pedro de Rates Henequim e, preso por ordem do Santo Ofício no ano de 1741, declarou ter encontrado nas andanças que fez pelo Brasil inúmeras provas concernentes à localização do Éden. Assim, o fruto do Bem e do Mal que atiçou o apetite dos nossos primeiros pais seria uma iguaria muito comum naquelas paragens: a banana. Quanto aos rios assinalados pela Escritura, ele não teve dificuldade em identificá-los com o Amazonas, o São Francisco e outros. Já nas pisadas humanas que os jesuítas erroneamente atribuíam a São Tomé, Henequim enxergava os vestígios gravados pelos pés de Adão em sua fuga a Jerusalém depois de cometer o pecado original.

Sérgio Buarque informava ainda que o tal ex-colono teria se envolvido numa misteriosa trama contra a soberania de D.João V. Ao que parece, antecipando em meio século os episódios da Inconfidência Mineira, o objetivo da conjura seria aclamar o infante D.Manuel rei do Brasil. E, caso saísse vitoriosa, ele desencadearia já a ruptura dos nossos laços com a metrópole.

Quando li os três parágrafos nos quais as peripécias desse personagem fabuloso são resumidas, tive a sensação de esbarrar numa das preciosidades oferecidas pelo inesgotável manancial que é a *Visão do Paraíso*. Apesar de bastante vagos, todos os indícios apontavam na direção de alguém quase desconhecido, mas dotado da mais alta densidade histórica. Henequim poderia vir a ser um ponto de contato privilegiado - talvez o único - na tentativa de escuta o eco de certas vozes que não sobreviveram ao desgaste do tempo.

³ idem. p.XXII.

Restava saber apenas se a documentação onde suas idéias foram transcritas se prestava a semelhante sondagem. Pois só há um meio de reconstituir o que ele dizia: consultar os registros do mesmo pleito que serviu para silenciá-lo. Embora seja desnecessário insistir aqui no papel ideológico do aparelho inquisitorial, é óbvio que as distorções inerentes ao seu funcionamento poderiam comprometer a credibilidade da minha fonte. De fato, eu estava me defrontando com um obstáculo que já atormentou muitos autores. Gustav Henningsen, por exemplo, destacaria a presença de filtros lingüísticos, culturais e burocráticos que se interpusessem entre a fala do depoente e o trabalho de compilação dos notários⁴. Carlo Ginzburg chegou inclusive a pensar na ritualística dos interrogatórios como uma permanente busca de soluções de compromisso, na medida em que o réu era implicitamente pressionado a zdequar-se às expectativas e crenças do próprio inquisidor⁵.

Preparado para o pior, eu me debrucei sobre os autos relativos ao caso Henequim - cujo microfilme, diga-se de passagem, só veio de Portugal a duras penas⁶. Qual não foi minha surpresa ao constatar que o documento colocava dificuldades de natureza inteiramente diversa. Sem dúvida, a sombra dos chamados "filtros" inquisitoriais também recobre parte do seu conteúdo. Existem lacunas sobre certos temas melindrosos e depoimentos estereotipados, como se as testemunhas fossem induzidas a fornecer a resposta mais conveniente. Contudo, na condição de réu, Henequim teve o inverso do comportamento esperado: longe de exprimir-se com a devida parcimônia, procurando acentuar os pontos de concordância que o aproximassem dos inquisidores, decidiu abrir o jogo.

Certo de haver sido iluminado pelo Espírito Santo, ele interpretou o interesse da justiça religiosa em investigá-lo como uma autêntica benção. Era a oportunidade que esperava para revelar à Igreja o perfeito entendimento das Escrituras. Afinal, os inquisidores não estavam lidando com qualquer um. Logo nos primeiros interrogatórios, Henequim apresentou-se como o maior de todos os profetas que vieram ao mundo desde Moisés. Por isso, mais do que uma defesa contra as acusações, seu discurso tinha o claro objetivo de desafiar os membros da Mesa ao debate. Em alto e bom som, declarou inúmeras vezes que desejava transformar aquele julgamento numa disputa pública. Exigia ainda que a mesma se

⁴ G.Henningsen. "Porque estudar la Inquisicion." Ex.da palestra proferida pelo autor durante o I Congresso Luso-Brasileiro da Inquisição em São Paulo, maio de 1987, p. 10.

⁵ C.Ginzburg. "Feitiçaria e Piedade Popular". *Mitos Emblemas Sinais*, trad., São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp. 15-39.

⁶ O processo Henequim se encontra no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, arquivado sob o número 4.864. Mas, dada a impossibilidade de obter bolsa de viagem em nível de mestrado, tive que contar com o apoio inestimável dos colegas Tiago R. Miranda e Patrícia A. Maia para conseguir uma cópia do documento.

realizasse em Roma, pois só um concílio assistido pelo papa teria condições de deliberar acerca das gravíssimas matérias que Deus o incumbira de esclarecer.

É, portanto, a singularidade do perfil psicológico de Henequim que torna esse documento tão especial. Ele estava trazendo à tona elementos mentais que situavam-se muito além da ideologia abraçada pela Igreja. E os inquisidores inadvertidamente acabaram por anexar entre seus filtros e pressões incriminalizadoras um código clandestino pronto para ser resgatado. Começavam a surgir aqui as dificuldades a que me referi há pouco. Antes de mais nada, era preciso vencer minha ignorância em paleografia, já que o processo que se estende por quase mil páginas foi redigido com várias letras diferentes. Porém, acima de tudo, era necessário compreender o significado das excêntricas opiniões que Henequim havia sustentado.

A súpula do seu pensamento (que, para nossa sorte, seria incluída nos autos) totalizava 101 teses sobre os mais variados assuntos da fé. Como pude constatar, elas faziam parte de uma complexa cosmologia que ultrapassava em muito os fragmentos pincelados pelo mestre Sérgio Buarque. Além de evocar o Paraíso Terrestre, Henequim teceu detalhados comentários em torno da criação dos seres espirituais e do homem. Profetizou também as circunstâncias do fim dos tempos, dizendo que o Quinto Império aconteceria em território brasileiro. Para os condenados previu a remissão universal, pois seriam apagadas as chamas do Inferno e os próprios demônios retornariam de suas profundezas salvos pela graça de Deus.

Mas existem outros temas que mereceram a atenção do nosso herege. O seu ponto de partida parecia ser a idéia de que o mundo estava rigidamente dividido entre dois princípios fundamentais - o masculino e o feminino. Na Santíssima Trindade, por exemplo, Cristo era macho e o Espírito Santo fêmea. Em consequência disso, ao contrário dos ensinamentos da Igreja, Deus Pai não interviera na criação do gênero humano, nem seria correta a crença de que a primeira mulher nasceu da costela de um homem: Adão e Eva foram formados de modo autônomo, cada qual pelo seu equivalente divino.

Abrangendo todas as criaturas físicas, esta divisão igualmente deveria vigorar para as metafísicas. Discutir o sexo dos anjos era, com efeito, uma das preocupações centrais de Henequim. Segundo ele, os mensageiros de Deus também foram feitos de terra, possuíam carne (mesmo que espiritual) e precisavam alimentar-se como nós. Por fim, acrescentava que a corte celeste seria povoada de entidades perfeitamente corpóreas. Tanto os bem-aventurados, quanto as Pessoas Divinas tinham cabeça, braços, pernas e, é claro, atributos sexuais.

Contudo, o tema sobre o qual ele meditou de forma mais cuidadosa diz respeito à figura da Virgem Maria. Acreditava inclusive que chegaria a ser consagrado santo por louvá-la com toda correção. Na sua cosmologia, ao invés de limitar-se a gerar o Messias, aquela mulher era o próprio Espírito Santo encarnado. Ou, dito de outro modo, Henequim a considerava uma deusa em pleno gozo das suas prerrogativas, porque, representando a mais sublime união da humanidade e da divindade, até Deus Pai lhe devia respeito.

O ideário de Henequim ainda prossegue por muitas trilhas. Na verdade, as concepções que acabo de expor correspondem no máximo à décima parte das teses descobertas pelos inquisidores. De qualquer forma, talvez seja o momento de retomar aqui a pergunta que fiz logo no início da pesquisa: como e porque doutrinas tão exóticas foram parar na boca dele?

Embora gostasse de discorrer sobre heresias, Henequim tornava-se bastante lacônico quando se tratava de indicar sua fonte de inspiração. Como convinha a um grande profeta, ele dizia apenas ter sido iluminado pelo Espírito Santo. Já os inquisidores concluía que, por trás de tudo, havia fortes indícios de influência demoníaca. Evidentemente, nós não precisamos concordar com nenhuma das duas explicações, antes pelo contrário: na medida em que ampliamos nosso foco de análise, começamos a encontrar inúmeros pontos de contato entre Henequim e alguns dos seus contemporâneos. A substância com a qual sua cosmologia foi preenchida era formada pelo eco de crenças que ele certamente escutou ao longo da vida.

Para citar um exemplo, lembrava que a tendência de imaginar os espíritos como seres corporais não era nada incomum. Quando estudou o pensamento do hoje célebre moleiro friulano Menocchio, Ginzburg sugeriu que a visão materialista do Além seria uma das principais características da tradição oral difundida nas camadas camponesas⁷. E, de fato, o paralelo ou - na terminologia ginzburguiana - o "isomorfismo"⁸ que desponta entre os dois personagens chega a ser surpreendente. Se Henequim concebia espíritos feitos de carne e dotados de cabeça, tronco e membros. Menocchio retrucava: "o que é esse Deus Todo-Poderoso além de água, terra e ar?"

⁷ C.Ginzburg. *O Queijo e os Vermes*, trad., São Paulo: Companhia das Letras, 1987

⁸ Sobre os aspectos teóricos da análise morfológica q. v. *História Noturna*. trad., São Paulo: Companhia das Letras, 1991, pp. 25-37.

Passando agora ao contexto do Brasil Colônia, poderemos encontrar manifestações ainda mais similares. Ao analisar o universo da religiosidade popular, Laura de Mello e Souza se deparou com o caso da cigana Apolônia Bustamante que, em dias de chuva, costumava dizer: "bendito sea el carajo de mi señor Jesu Christo que agora mija sobre mi"⁹. Em Portugal, quase cem anos antes de Henequim ser preso, uma visionária de nome Francisca Cotta declarou aos inquisidores que, para pedir clemência aos habitantes de certa vila, "a Virgem Nossa Senhora andava de joelhos com os peitos de fora"¹⁰.

Portanto, na base da representação fisiológica dos espíritos proposta por Henequim, é bem provável que haja um amplo substrato cultural. O pênis de Cristo, os peitos da Virgem e o sexo dos anjo não estão indicando relações meramente analógicas, mas sim concretas. Sob as coerções da ideologia dominante, devia existir um conjunto relativamente articulado de crenças que - através de canções, gravuras, simples conversas ou ricos acervos mitológicos - era capaz de romper várias fronteiras espaciais e temporais¹¹.

Ocorre que a cultura popular não foi a única matriz a inspirar Henequim. Sua erudição surpreendeu até mesmo os agentes (ou "familiares") do Santo Ofício que o denunciaram, pois era capaz de citar de memória - e em latim - trechos inteiros da Bíblia. Fazia também questão de cotejá-la com o texto original em hebraico. Vale observar ainda que ele chegou a pedir à Mesa para responder aos interrogatórios por escrito: embora fosse muito loquaz, Henequim evidentemente não queria ser associado ao domínio da oralidade.

Por outro lado, essa indefinição entre o erudito e o popular ainda ganhava o colorido de uma intrincada série de influências díspares. Além da língua hebraica, ele sabia manipular conhecimentos que haviam sido gestados por certas correntes místicas do judaísmo. De fato, a cabala e as chamadas "visões da *Mercabá*" tiveram um peso importantíssimo no seu pensamento. Em menor grau de intensidade, ainda é possível perceber ali ressonâncias calvinistas (especialmente no que tange ao descrédito da eucaristia) e até mesmo algum conhecimento dos ritos indígenas na colônia (seus escritos heréticos associavam o *cauim* ao vinho do *Cântico dos Cânticos*).

⁹ Laura de Mello e Souza. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p.108

¹⁰ Idem. "Entre o êxtase e o combate: visionárias portuguesas do século XVII" In: NOVINSKY, Anita & CARNEIRO, M.L. Tucci (orgs.). *Inquisição: Ensaios Sobre Mentalidade, Heresias e Arte*. São Paulo: EDUSP, 1992, p.772

¹¹ Sem dúvida, é difícil sabermos hoje como estas tradições eram transmitidas. Mas, ao estudar as permanências da cultura popular, Peter Burke nos fornece algumas pistas. V. *Cultura Popular na Idade Moderna*, trad., São Paulo: Companhia das Letras, pp. 115-139.

Tais alusões de roupagem protestante que mesclavam o catolicismo e o judaísmo com elementos da fé gentílica nos conduzem para uma questão teórica muito bem delineada: o problema da "transculturização"¹². As realidades que Henequim conheceu nas duas margens do Atlântico estavam fracionadas por diferenças quase intransponíveis. Não nos esqueçamos de que os inúmeros grupos humanos enredados pelo império colonial português possuíam expectativas políticas e posturas existenciais desconexas. Assim, enquanto a Coroa procurava se impor através de um aparato ideológico, seus súditos tendiam a reativar antigos costumes e a construir visões de mundo originais. É o esforço de solucionar os impasses deste permanente processo de atrito que constitui a essência do pensamento henequiniano.

Mas imbricado à questão teórica, havia um obstáculo conceitual. Como caracterizar aquela grande miscelânea? Qual termo poderia explicitar o fato de que as relações transculturais são definidas simultaneamente pelo primado da tensão e da troca? Roger Bastide já enfrentou dificuldades semelhantes ao estudar a profunda reformulação que os cultos africanos sofreram no Brasil¹³. A ruptura com os laços coletivos e, sobretudo, o impacto do cativo levou os escravos a camuflarem os orixás nos santos católicos, preservando suas tradições com base na mesma doutrina que tentava suprimi-las. Para descrever esse fenômeno de mão dupla, Bastide acabaria inspirando vários autores que se debruçaram sobre o tema da religiosidade na colônia ao utilizar a noção de "sincretismo cultural"¹⁴.

De certa forma, a experiência ultramarina do nosso herege não devia estar muito afastada daquela que obrigou os negros a redimensionarem as crenças trazidas da África. Submerso num exuberante festim de etnias, Henequim também se viu forçado a assimilar novos parâmetros de explicação para o natural e o sobrenatural. A noção de sincretismo, entretanto, tem a desvantagem de sugerir que os contatos culturais produzem uma mistura inarticulada. Ao expressar apenas a idéia de "fusão" entre elementos heterogêneos, ela exclui o conjunto de seleções e recusas que, de modo mais ou menos consciente, estaria guiando seus desdobramentos.

¹² Adoto aqui um neologismo criado pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz para designar o contágio entre duas ou mais culturas. Rompendo com o termo "aculturação" - que pressupõe a supressão de uma cultura pela outra -, a palavra "transculturização" indica a existência de múltiplas transitividades entre as partes envolvidas. Cf. IZNAGA, Diana. *Transculturación en Fernando Ortiz*. Habana: Editorial de Ciências Sociales, 1989, pp. 43-65. (Devo esta indicação a Iris Kantor).

¹³ BASTIDE, R. *As Religiões Africanas no Brasil*, trad., 3a. edição, São Paulo: Pioneira, 1989.

¹⁴ Entre os seguidores de Bastide poderíamos incluir Laura de Mello e Souza, Ronaldo Vainfas e Luiz Mott, apenas para citar os nomes mais expressivos.

Bem mais adequado, me parece, seria emprestarmos uma categoria desenvolvida por Mikhail Bakhtin no domínio dos estudos literários. Refiro-me ao conceito de "dialogicidade", cunhado com o objetivo de designar qualquer tipo de narrativa onde o duelo de consciências não admite vencidos nem vencedores¹⁵. Em outras palavras, o que emerge da escrita dialógica são os rumores de um conflito irreduzível no qual todas as vozes se combinam ou se repelem, mas nunca enunciam às suas principais antinomias.

O mesmo pode ser dito para as manifestações transculturais que Henequim presenciou de maneira tão direta. Longe de estar apenas reproduzindo arbitrariamente as diversas influências que recebeu, ele procurava ordená-las segundo uma racionalidade muito própria. Munido com a certeza de possuir importantes verdades proféticas, queria polemizar contra tudo e contra todos: seus impertinentes desafios os juizes, além da sua pretensão de convocar um concílio, sugerem que estava bastante acostumado a encontrar interlocutores.

Se levarmos em conta o caráter ambíguo da sua formação, isto fica ainda mais evidente. Filho bastardo de pai protestante e mãe católica, o pequeno Pedro Rates passaria a infância oscilando entre os ensinamentos de ambas as fés. Recebeu, portanto, uma educação religiosa singularmente rica, embora sempre bifacetada. Quando atingiu a idade adulta, foi aconselhado pelo confessor a tentar a sorte no Brasil para bem de sua salvação. Contudo, ao safar-se da heresia reformista, acabou caindo num mundo repleto de impiedades. Henequim participaria da tumultuária corrida do ouro que ocupou as recém-descobertas Minas Gerais. De 1702 a 1722, ele teve oportunidade de testemunhar o cotidiano de uma população multirracial que vivia a vagar pelos aluviões e só conhecia a lei da força¹⁶. Em meio a esse babélico caldo de culturas é que germinou sua ansiedade mística. O confronto com o turbilhão de valores, crenças e línguas que afluíam às Gerais o obrigou a se servir de seu vasto (mas incerto) saber bíblico. E também a incorporar muito daquilo que os indivíduos com os quais teve de debater estavam dizendo.

É interessante observar, aliás, como sua visão de mundo já implicava uma autêntica ontologia da diferença. Ao classificar todos os seres em macho e fêmeas, Henequim estava abolindo qualquer idéia de neutralidade. Era como se nada pudesse existir sem tomar partido nas duas metades que recortavam o universo. Haveria inclusive, segundo ele, uma espécie de divisão sexual do trabalho para os

¹⁵ BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*, trad., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981; v. sobretudo p.13.

¹⁶ V., por exemplo, VASCONCELOS, Diogo de. *História Antiga das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1904.

espíritos. Anjos e demônios apenas agiriam sobre os humanos conforme o caráter de sua genitália. O mesmo raciocínio ainda valia para a salvação da alma, dado que o redentor dos homens é Cristo e das mulheres, a Virgem. Nem o próprio dogma do Deus trinitário escapava de ter Sua natureza una dissecada por Henequim: Pai, Filho e Espírito Santo passam a pertencer agora a gêneros distintos.

Difícil é entender por que ele escolheu a imagem harmônica do Paraíso Terreal para representar um território onde havia tantos contrastes. Afinal, naquele espaço abençoado deveriam vigorar a paz e o equilíbrio absoluto de uma primavera que nunca era perturbada por frio ou calor (*non ibi frigus non aestus*, segundo a fórmula adotada desde a antiguidade)¹⁷. E só o que os ares do Brasil podiam lembrar ao europeu era o tempestuoso clima das câmaras infernais, pois, quando não forçavam seu espírito a arder em intolerâncias, o mergulhavam no dilúvio do desgoverno e da miscigenação. Mas para Henequim, ao contrário, as alteridades estavam inscritas na própria essência divina e formavam a base de todas as coisas: nada mais natural quetambém estivessem presentes no Éden.

Talvez fossem elas os "arcãos do Ceo" que o nosso personagem alegou ter ouvido na colônia e que acabaram por transformá-lo num profeta. Após viver vários anos sob o signo do múltiplo, ele parecia convencido de que o debate com o outro ("o ser açoutado, apedrejado, infirmado") era fundamental para o entendimento da palavra de Deus. Não por acaso suas idéias heréticas postulavam que a Bíblia traria uma marca dialógica perfeitamente comparável à das obras teatrais: conforme dizia, "a Scriptura Sagrada lhe como hum livro de comédias, porque nella fala todo o visível e o invisível". E entre as vozes que tinham direito de participar com o Divino Verbo no enorme coro polifônico da Criação, constava uma indistinta seqüência de deuses, anjos, demônios, santos, condenados, homens, mulheres¹⁸.

Nesta requintada alegoria, nós podemos facilmente vislumbrar o tenso emaranhado de culturas que perpassava o Brasil. Henequim tornou-se um novo Moisés porque sempre esteve atento às diversidades. Porque soube perceber em meio àquelas paisagens paradisíacas não o caminho da perdição, mas sim a emergência de uma possível utopia do diálogo.

* * *

¹⁷ Cf. HOLANDA, Sérgio B. de. *Op. cit.*, pp. 144-178 e passim.

¹⁸ Estou resumindo aqui o teor da proposição I: 44, que figurava no conjunto das 101 teses apreendidas pelo Santo Ofício.

Para finalizar, gostaria de especificar melhor as metas da minha pesquisa. Antes de mais nada, devo reconhecer que a ambígua biografia de Henequim tinha muito de particular. Seria equivocado supor que ele fosse representativo de qualquer um dos grupos com os quais esteve em contato. Porém, é precisamente por isso que seu caso guarda relevância histórica. O caráter excepcional da sua existência nos coloca diante de alguém que teve a oportunidade de lançar um olhar distanciado sobre os próprios contemporâneos. Nesse sentido, a cosmologia que ele elaborou permite fazer uma leitura a contrapelo do universo mental luso-brasileiro.

Ainda que surpreendam pela excentricidade, suas concepções revelam com grande nitidez os fragmentos de outras visões de mundo situadas muito além dos jardins conceituais da elite. E, portanto, nos ajudam a recuperar os sonhos e apreensões que subjaziam à sociedade da época.

Entretanto, o curioso para nós do século XX é perceber que, em pleno iluminismo e também em pleno vigor do regime colonial, apareceu um português disposto a identificar justamente o Brasil com as maravilhas do Éden. Mais curioso ainda é constatar que este caótico fim de mundo foi decisivo na montagem do seu pensamento. Aqui ele acabaria recebendo o influxo dos atritos entre negros, índios, mestiços, gentes de toda casta. E as incertezas que o cercavam desde menino seriam exacerbadas por uma verdadeira avalanche de padrões culturais antagônicos. Seu anseio em desvendar os mistérios do cosmo nasceu da angústia de oferecer alguma coerência orgânica às incontáveis vozes que dialogavam (e se digladiavam) em torno dele.

Certamente, não é mais nesse sentido de ordem que nós deveremos buscar seu maior legado. Do nosso ponto de vista, as doutrinas pelas quais ele morreu são tão fantasiosas quanto extravagantes. Mas seu fascínio ante a multifacetada realidade cultural do Brasil continua a ser sugestiva. Talvez tenha sido por viver dentro dela que Henequim ousou perverter boa parte dos pressupostos mentais propagados pela camada dominante. O que a experiência dele nos ensina tem muito a ver com o potencial corrosivo desta terra tão rica no fazer hereges. Ou, parafraseando Lévi-Strauss, poderíamos concluir que, assim como existem países bons para morar, outros são bons para pensar.